



Cidadania e espiritualidades

A cidadania é muito mais do que a intervenção política. Mais ainda do que a sua expressão eleitoral, a qual se manteve restritiva ao longo da Primeira República à excepção do período sidonista. Nos processos eleitorais legitimadores da soberania liberal, quer na Monarquia Constitucional, quer na Primeira República, sempre se agitaram os interesses de sobrevivência partidária pelo poder. Esta enraizava-se em forte caciquismo ou em clientelas, através das quais se dirimia ou assegurava a influência em sectores sociais urbanos e rurais, marcados por desconfianças de manipulação pelo peso da religião, pela influência de sectores radicais maçónicos ou ligados aos movimentos operários. As denominações religiosas lidavam com esta dimensão política da cidadania de modo diferenciado pelo tipo de inserção social que possuíam.

O peso social dos católicos enquanto tal dificilmente não se fazia sentir verdadeiramente no jogo eleitoral, e por isto mesmo, durante a Primeira República, foi importante ter prevalecido entre a autoridade católica e a larga maioria dos católicos o acatamento do regime e não a via sediciosa. Esta posição, particularmente a partir de 1915, procurou singrar na concorrência eleitoral mesmo em situação de minoria parlamentar, o que se manteve e consolidou no pós-Grande Guerra, através do Centro Católico. Embora muitos católicos conservassem as suas posições mo-

António Matos Ferreira

Doutor em História Contemporânea, Professor de História do Cristianismo na Faculdade de Teologia – UCP e na Faculdade de Letras – UL, Director-Adjunto do CEHR

nárquicas, sobretudo os que se reivindicavam do período constitucional, outros houve que deram o seu voto às facções republicanas. Esta dissonância patenteava uma situação, já de longa duração nas sociedades liberais, a que correspondia ao facto da disputa política não constituir um factor necessário de coesão interna no campo religioso, mesmo quando se acordava ser imprescindível defender os interesses da religião e da Igreja Católica, pois o entendimento sobre este desiderato tinha distintas concretizações e expressava-se através de várias sensibilidades no plano da crença e no da sua manifestação pública.

Por tudo isto, o terreno religioso não se apresentou unânime no respeitante à política do regime e do seu percurso. Assim, de uma maneira mais ampla e neste contexto, importa analisar a questão da cidadania como um processo de consciência, onde a defesa de princípios religiosos no âmbito dos assuntos políticos remetia para mais além do que a questão do voto e se dirimia na percepção sobre a vida social e individual, isto é, espelhando uma disputa de ordem antropológica. Este processo, no período da Primeira República, aponta para uma outra dimensão fundamental da trajectória da sociedade portuguesa: a diversificação e a afirmação de vivências e de sensibilidades espirituais.

Nesta época ganharam expressão cultural, mediadas de forma marcante por percursos individuais, muitas vezes em oposição ao institucional, exi-



gências e manifestações de uma crítica a um transcendentalismo que também ao materialismo que esvaziava o ser humano do sentido e valor da sua vida. Se em alguns casos essas aspirações se cruzaram ou convergiram no terreno da Igreja Católica Romana ou na integração de outras correntes religiosas, nomeadamente reformadas, o referencial privilegiado era o de um cristianismo original e evangélico, mais de natureza individual, entendido como ou identificado com o autêntico impulso moral do cidadão, numa relação entre transformar ou melhorar a sociedade aperfeiçoando o indivíduo.

Houve, pois, a emergência de uma pluralidade concorrencial de heterodoxias – o terreno social passou a comportar-se de mútuas heterodoxias –, particularmente entre elites intelectuais e urbanas, mas também em ambientes tradicionalmente integrados ou referenciados ao catolicismo, gerando uma pulverização de espiritualismos e de outras sensibilidades, algumas delas traduzindo-se em dinâmicas como o Espiritismo, o Rosa Cruzismo ou a Teosofia que, no seu conjunto, apesar de circunscritas, congregavam milhares de aderentes. Também correntes como a do positivismo, procuraram apresentar-se como crença popular, de certo modo uma «religião de substituição», difundida por jornalistas e publicistas; variantes filosóficas do cientismo, como o evolucionismo, anunciavam-se enquanto ideologia motivadora de mutação social; ou ainda,

Dom Nuno Álvares Pereira.

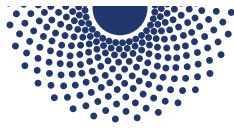
por exemplo, o criacionismo espiritual de Leonardo Coimbra que o aproximou do catolicismo como concretização existencial desse seu percurso.

Também nesta época, e em particular, as elites intelectuais apresentaram um complexo tecido de influências e sensibilidades em torno das quais se podem observar trajectórias de consciência, nas

quais se destacam formas e reelaborações de um espiritualismo laico. O modernismo da revista *Orfeu*, em 1914, abriu uma encruzilhada de rupturas com Mário de Sá Carneiro e Fernando Pessoa, distintas da do simbolismo de Eugénio de Castro ou do romantismo existencial de Teixeira de Pascoaes. A primeira edição de *Húmus* de Raul Brandão, saída em 1917, carregava utopia e revolta perante o esmagamento da vida e o sofrimento dos deserdados, oferecendo horizontes para uma outra consciência, a qual se expressou numa fé sofrida e nostálgica de um Basílio Teles ou de um Guerra Junqueiro, num cristianismo tolstoiano como em Jaime Magalhães Lima, no cristia-

nismo primitivo e social como em Manuel Ribeiro, num franciscanismo como em Jaime Cortesão, percursos retrabalhados no projecto da *Seara Nova* (fundada em 1921) por Raúl Proença e António Sérgio, entre outros. Isto é, durante o período da Primeira República, assistiu-se ao surgimento de muitos dos filões espirituais que, estando inscritos na tradição, foram assumidos como modernidade numa sociedade marcada pela secularização e pela laicidade, onde o indivíduo e a sua consciência passavam a ser referência fundamental de mediação.





Fernando Catroga

Raul Brandão e a Questão Religiosa

In *Ao Encontro de Raul Brandão. Actas do Colóquio*.
Porto: Universidade Católica do Porto / Lello Editores, 2000,
p243-245.

[..]

Por outro lado, não se deve estranhar que, política e ideologicamente, Brandão se tivesse distanciado do republicanismo jacobino. Mas, as suas afinidades com pensadores como Sampaio Bruno, Teixeira de Pascoaes e, até certo ponto, Leonardo Coimbra tornam, para alguns, a sua adesão à Seara Nova um pouco inesperada. Porém, estas objecções tendem a esquecer que este movimento não era política e intelectualmente homogêneo; e que, por outro lado, o racionalismo de algumas das suas figuras mais marcantes – e, entre todas, a de António Sérgio –, não só nunca se libertou por inteiro de algum intuicionismo, como manteve um diálogo bastante vivo com a herança cultural judaico-cristã. Ao mesmo tempo, todos, tal como Brandão, eram antijacobinos e antipositivistas, e alguns (como Raul Proença) teorizavam a subordinação da realidade à idealidade. Igualmente, muitos, em consonância com o autor das *Memórias*, pensavam que a decadência do país só seria ultrapassada através de uma prévia e profunda revolução moral e intelectual. Para os seareiros, a heroicidade cívica e mortal também não estava no exemplo do revolucionarismo jacobino ou bolchevista, mas antecipada na vida de Cristo e de alguns dos seus mais fiéis seguidores. E, mesmo um racionalista como António Sérgio, viu a razão moderna como secularização do Deus-Verbo, segundo o Evangelho de São João, logos que afirma a soberania do Espírito, e que, socraticamente, convida à reflexão do Homem sobre si mesmo.

Estas ideias, em conjugação com as de outros influentes membros do grupo (Jaime Cortesão), ajudam a entender o lugar que o chamado *Calendário Seareiro* (espécie de galeria de heróis espirituais) deu a figuras como São Francisco de Assis. Para justificar as suas escolhas, a revista argumentou que desejava actuar como uma «falange moral», em cujos precursores colocava o santo pelo seu génio moral, «essencialmente democrático e de certo modo socialista», assim como a «heróica e grandessíssima alma de Santa Teresa, criadora da literatura de introspecção e da sistemática análise psicológica». Com eles, figuravam ainda, entre outros, Buda, Confúcio, Zoroastro e, logicamente, o próprio Cristo.

Como facilmente se aceita, este mundo não era estranho a Raul Brandão. Na época, não confessava ele a um outro seareiro que a Revolução, sendo prioritariamente moral, impunha, antes de tudo, a tarefa de «aproximar pela educação as crianças das grandes figuras religiosas, Cristo, Buda, Tolstoi»? Só assim se conseguiria vencer o determinismo das coisas e espiritualizar a incessante criação do mundo. O que

dá sentido a que, em 1930, tenha reproduzido, nas páginas da *Seara Nova*, um velho texto, significativamente intitulado «Religião e Revolução».

Em síntese, a obra de Brandão exemplifica bem a atitude do minoritário espiritualismo republicano em relação ao ultramontanismo e ao laicismo radical. E, se o seu entendimento tem de levar em conta as grandes linhas que atravessaram a polémica à volta da questão religiosa, ele ficará incompleto se se ignorar o modo como, ao nível subjectivo, o nosso escritor expressou a sua busca de uma alternativa que renovasse as relações entre o sagrado e o profano. Acerca dos dilemas com que se debateu neste percurso interior, pode mesmo aplicar-se-lhe, ainda que na perspectiva que lhe é própria, o que Henri de Lubac escreveu sobre o «drama do humanismo ateu»: «se não existe o Absoluto, como admitir um Absoluto no homem? A causa de Deus, na consciência, e a causa do homem, na sociedade, encontram-se ligadas».

Por outro lado, será ainda importante lembrar que os textos de Brandão – como os romances de Dostoiévski – não são ensaios filosóficos, nem fruto de uma ideação coerente e sistemática, pois, por eles, fala uma voz que parece vir do fundo matricial da cultura do Ocidente – a voz do espanto. Talvez por isso as suas ideias, reveladas em surpreendentes fulgurações intuitivas, acabem por solicitar mais o mistério e a inquietação do que a certeza definitiva, instando a um permanente diálogo entre «o pró e o contra que animam o mundo», e convidando a que se perceba, como em Pascal, que «o conhecimento de Deus sem a nossa miséria faz o orgulho. O conhecimento da nossa miséria sem o de Deus, faz o desespero. O conhecimento de Jesus Cristo [enquanto elo entre Deus absconditus e o homo absconditus] faz o meio, pois encontramos aí deus e a nossa miséria» (*Pensamentos*, 527).

(p.243-245)

Raul Brandão

Vale de Josafat: Memórias

Lisboa: Perspectivas e realidades, s/d.

Balanço à vida¹

Espero pelo dia em que a instrução seja realmente gratuita e obrigatória para todos – e o ensino religioso. Quero o culto de Deus vivo nas escolas.

Espero que a terra seja de quem a cultiva. É absurdo possuir a terra como quem tem papéis para receber os juros.

Espero que a herança seja contida em justos limites.

Espero o dia em que o homem compreenda que o supérfluo é um crime.

Mais justiça e mais pão para todos. Mais Deus para todos.

1. 1ª edição – Seara Nova, 1933.



Há sempre um momento em que os homens lançam contas à vida. O meu momento é este...

Entendo que este mundo é religioso e a minha vontade seria falar baixinho, bulir pouco. Os dias mais felizes da vida passei-os ao sol, contemplando. Não é que deteste a acção. A acção é o fim da vida. Mas é preciso distinguir entre acção e agitação. Compreendo a acção dos santos e dos heróis, a acção pelo bem e pelo cristianismo — a grande acção. O resto é balbúrdia. Também há outra acção mais bela talvez ainda, acção desconhecida e humilde, obscura, feita de exemplos e sacrifícios — a da mulher no seu lar, a do homem que cumpre a existência, e que, com os pequenos meios de que dispõe, vai além da vida. Digamos tudo: toda a acção que não tem um fim idealista ou representa um sacrifício, não vale nada. Esta acção exerce-a, muito melhor do que eu, ali o meu vizinho, que foi ao Porto buscar uma pobre de pedir, que não lhe era nada, trouxe-a para casa e reparte com ela o pão e a malga do caldo, ou a criatura desconhecida que, no lar apagado, cumpre todos os dias monótonos o seu dever monótono.

Guerra Junqueiro Oração ao Pão

Porto: Livraria Chardron, 1902

Oremus:

*Trigo d'Abri!l, riso e verdura,
Dá-nos a candura!*

*Trigo d'Ágosto, oiro que alumia,
Dá-nos a alegria!*

*Trigo de foice, trigo da grade,
Dá-nos a humildade!*

*Trigo da azenha, poeira de lírio,
Dá-nos o martírio!*

*Trigo do trigo, trigo da mesa,
Dá-nos o amor e a dor, a paz e a fortaleza!*

*Trigo, dá-nos a candura!
Dá-nos a alegria!*

*Dá-nos a humildade!
Dá-nos o martírio!*

Dá-nos o amor e a dor, a paz e a fortaleza!

*Dá-nos ao corpo tudo isto,
Dá-nos à alma tudo isto,
E faremos de nós o pão de Cristo,
O pão de Deus, o pão do Bem,
O pão da Eterna Glória, o pão dos pães, ámen!*

Raúl Proença

Nós somos religiosos²

[...] Acima das fórmulas religiosas, que são transitórias e evoluem a cada instante, há o sentido da religião, que é terno e subsiste em todas as transformações. Acima de Deus, que é uma criação pessoal, e da Ciência, que não tem poder imperativo, há alguma coisa de mais excelso e mais rico: acima da Ciência, acima de Deus, há o Divino.

Desde que um homem diz: eu devo, desde esse momento ele confessou-se religioso. Na boca do a-religioso lógico consigo mesmo o dever é uma palavra vã.

Dizeis que a Religião tem feito crimes? Eu conteste-vos a afirmação. Porque tudo quanto nos dogmas religiosos tem sido mau é exactamente aquilo que neles não foi religioso, tanto quanto neles foi a posição de elementos estranhos.

As crenças individuais são tons diferentes com que se entoa a mesma harmonia, são frases melódicas do mesmo Canto universal.

Porque daqui a milhares de anos a terra será um astro gelado e, mais tarde, quem sabe, poeira cósmica de mundos... Não é uma necessidade humana, um postulado essencial de confiança na vida sabermos que toda a nossa ânsia do Bem, todo o nosso esforço de libertação se não perdeu, e que alguma coisa no Universo, nova ânsia de novos peitos, novo esforço de novos braços, bater de asas, olhar de paixão, cintilar de estrelas, conserva o frémito do nosso peito e a sublime exaltação das nossas horas melhores?

[...] Sim, é tempo de deixar as disputas estéreis. É tempo de fazermos abertamente a nossa profissão de fé, de sacrificarmos também ao Ideal. A grande experiência está feita: a ciência não pode destruir a Religião. Pode fragmentar os dogmas, pôr-se em conflito com as afirmações sectárias, mas não destruir o fogo interior, e terno. A experiência está feita: nós somos religiosos.

Deixai falar os que gritam, os que pedem vingança, os que aclamam o Furor, os que dizem: Só a tiro! Porque eles mentem.

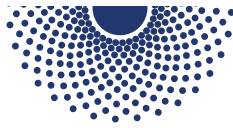
Deixai falar os que oprimem, os que tiranizam, os que condenam a vida mais alta, os que clamam: caluda! Porque eles mentem.

Deixai pregar os que apostolizam, subir ao púlpito os que caluniam, trepar ao céu os Santos cuja auréola é feita de crimes. Porque eles mentem; porque mentem sacrilegamente, ominosamente.

Eles não são religiosos, não.

Religiosos nós os que cremos na bondade, religiosos nós, para quem o Dever é uma palavra com sentido, nós que na frase do protestante Hébert queremos «incarnar o nosso ideal

2. Este artigo que não pretende ser de nenhum modo uma análise mais ou menos profunda do sentimento religioso, foi escrito para servir de «lema» a um outro que em breve publicarei sobre «O partido republicano e as crenças religiosas.»



num pouco de melhor realizado», nós que, na expressão de Payot, lutamos pela *droiture*, nós cuja vida de aneia libertadora, cuja esperança sagrada no Futuro, cuja evocação religiosa do Que vem é a afirmação permanente de uma fé.

Sois católicos? Sois protestantes? Sois ateus?

E vós pensais que não sois a mesma coisa? Pensais que sob as palavras diferentes com que vos exprimis, não existe o mesmo espírito vivo, a mesma alma de verdade, o mesmo substrato de amor e de visão universal?

Acima do vosso deus pessoal, que só vós vedes como ele é e que não podeis impor aos outros, acima da vossa Ciência fecunda, que não espalha luz pelo Mistério e que não obriga, existe o Amor, o eterno Amor, o Amor que cria as almas e que as purifica e que as diviniza e que as exalta.

Das bandas do Oriente de onde o Futuro nasce vejo surgir uma luz ainda pálida, e já suave e prometedora. Parece que só a podem ver por ora os olhos mais graves e mais penetrantes. Dir-se-ia que traz em si um compromisso sagrado: o de unir os homens na mesma bênção luminosa.

Lá vem, lá surge! absorvei essa luz com os olhos na auro-ra! imergi-vos no Mistério... O infinito cerca-nos, e nas nossas fronteiras parece que batem ondas de um oceano profundo... Uni os peitos, tocai as mãos... Il y a de la lumière! Il y a de la lumière!... Faites la paix! faites la paix maintenant.

Raul Proença
[pp. 302-304]

Teixeira de Pascoaes O Génio Português. Na sua expressão filosófica, poética e religiosa

Porto: Renascença Portuguesa, 1913

[...] Nestes ressequidos tempos de egoísmo materialista, de cientismo estreito, superficial, que se imagina a própria Verdade indiscutível, o sentimento religioso, que ora aparece na Europa, anuncia uma próxima reacção do Espírito contra a Matéria usurpadora. Eis o motivo do grande interesse que adquire a feição mística do génio português. Claro que esta feição é-lhe dada pela Saudade, a Virgem descendente de Cristo e de Apolo.

A palavra Religião, como se vê, toma um / novo sentido. O Paganismo, o Judaísmo, o Cristianismo e as suas variantes, afastam-se, envoltos já na névoa do Passado, da concepção religiosa contida no Saudosismo.

Aqueles antigos Credos viam Deus somente aquém do

homem e das coisas; o Universo era a sombra contingente projectada pelo seu perfeitíssimo e divino ser.

O Saudosismo vê Deus além do homem. O Deus saudosista é a sombra espiritual, eterna, projectada pelo Universo doloroso e material, resumido, em vida e consciência, na Criatura humana.

O Deus das velhas religiões sataniza-se no Saudosismo, enquanto que o seu Lúcifer, o móbil, a ambição criador do homem, se deifica...

O antigo Deus continha-se na Natureza, porque esta era uma obra sua; o novo Deus está integrado no Universo, porque foi este o seu Criador.

A Natureza criou o homem a fim de conquistar o seu estado de consciência, necessário ao aparecimento de Deus.

A Natureza representa o velho Deus; e a criatura humana é o seu Calvário, onde ele sofre a dor e a morte para ressuscitar, depois, em / liberto e perfeito corpo espiritual, em novo Deus verdadeiramente divino.

Eis o destino do nosso ser animal: sofrer para que a dor sofrida ressurja em eterna alegria de espírito. E digo eterna, porque todo o momento espiritual é eterno.

Esta Eternidade não se realiza no tempo; o próprio Espírito a concebe e cria.

Crer na Eternidade é ser eterno. O homem enquanto vive, a sua vida é como se fora eterna; depois da sua morte é como se nunca houvesse vivido...

(p.34-36)

A Republica devia resolver, neste sentido, a questão religiosa; isto é, reconstituir a nossa Igreja, dotá-la com um clero esclarecido e virtuoso, restituindo-lhe então todos os seus bens.

Obra difícil de realizar? Creio que não, atendendo a que o nosso Povo, pelo menos, o do Norte, não é católico, mas livremente religioso. É o autor do Cancioneiro Popular, essa *Ilíada* amorosa e religiosa da Raça, que, nas mãos dos seus coleccionadores, toma o aspecto trivial de cantigas para a guitarra! /

O povo acredita em Deus, — mas não se importa com o Papa nem com os Bispos. Admite o Padre, quando ele remedeie à sua insuficiência intelectual, quando seja o seu guia virtuoso e bom.

A nossa Igreja, como a nossa Arte, Teatro, Literatura e Política tem de ser conforme ao génio da Raça portuguesa, a fim de que ela realize a sua grande obra moral.

O Saudosismo é um novo Credo religioso que não responde somente a esta ansiedade mística da nossa alma lusitana.

(p.43-44)



Manuel Ribeiro

A Ressurreição

1923

«Molemente Luciano e o engenheiro desfiavam um fio ténue de conversa que se animou quando Marchetti lhe perguntou se ele tinha a fé.

- Procuo-a, suspirou Luciano. E o senhor? Como é que o senhor veio à fé? A sua profissão...

O engenheiro sorriu.

- Aqui onde me vê, aos vinte anos fazia já dissertações sobre as teorias evolucionistas. Darwin, Haeckel, Spencer conquistaram-me inteiramente. As ciências exactas também me prenderam muito.

- Não compreendo como...

- Fui sempre um bom matemático. Um dia apaixonei-me pela astronomia. Toda a inquietante preocupação do Infinito penetrou-me e confundiu-me, e porque encontrei tanta harmonia no universo e tanta precisão nos orbes é que tive a intuição de uma suprema inteligência, é que acreditei em Deus.

- Não posso admitir que o terror é que tenha gerado o sentimento de Deus.

- Tontices. O terror vem do caos e não da harmonia. Superstição não é religião.

- Noto também que os que menos sabem são os que negam mais.

- Mas ignorância é treva. O que sabe, quando não crê, duvida — que não é o mesmo que negar. Criar saber é arruinar

Amadeo de Souza-Cardoso, «Cristo Vermelho», 1918.

dúvidas. Desenvolver a ciência é desembaraçar a religião, é desenovar Deus.

- Tenho uma confiança na fé.

- Eu creio que a fé é uma energia formidável. Uma física social que está ainda por estudar realizará prodígios com esta força que os filósofos subtraem à ciência. Só as religiões se têm servido dela, e nem sempre bem. Se os grandes homens que conduzem as multidões tivessem mais senso prático, quanto não tinha ganho a humanidade.

Luciano achou que era um pouco o que ele pensava. Destruía-se loucamente a fé.

Marchetti continuou:

- A sociedade é como a natureza, um potencial de energias. Tudo está em as saber captar e governar. Há na alma humana uma grande força desaproveitada e sem uso: é a fé. Quantas coisas surpreendentes, quantos empreendimentos ela fez sozinha sem guia nem bússola! Mas o racionalismo em nome da ciência fulminou a fé, condenou-a como um ultraje à inteligência e à razão. Há maior insensatez?

- E o interessante, dizia Luciano, é que certos filósofos, não podendo já negar o valor enorme da fé, procuram desligá-la do sobrenatural. Veja o Sorel com a sua teoria do «mito revolucionário» que insuflou uma rajada ideal no sindicalismo revolucionário. O que era aquilo senão a fé? Veja sobretudo Guyau com os seus equivalentes metafísicos de Deus, da fé e do dever moral. Ah, esse divino Guyau! Não podendo negar, porque era poeta e sentia, substitui, apenas, dá outro nome às coisas, deixando afinal de pé tudo o que queria derrubar. Se esse génio não tem surgido sob o terrível pontificado cientista de Spencer teria sido cristão.»

